
A disciplina filosofia na educação escolar

Cláudio Ferreira dos Santos

Mestrando do PPGE – Uninove.

caofs@superig.com.br

São Paulo – SP [Brasil]

Neste artigo, propomo-nos a fazer uma reflexão que consideramos da maior relevância, de uma idéia amplamente difundida entre os professores de ensino fundamental e médio – a de que os jovens que freqüentam nossas salas de aula não se interessam por atividades que lhes façam elaborar e expressar um tipo de pensamento considerado crítico, isto é, reflexivo, sistemático, rigoroso e totalizante. No decorrer de nossa reflexão, assumimos a proposta de uma educação voltada para o pensar, porém, um pensar bem, o que certamente contribuiria para a formação de um cidadão mais consciente, crítico e participativo, logo, um sujeito ou pessoa autônoma. Defendemos ainda a filosofia como disciplina a ser privilegiada no currículo escolar para atender a essa finalidade.

Palavras-chave: Filosofia-filosofar. Juventude. Pensar-refletir. Pós-modernidade.

1 Introdução

Iniciamos esta reflexão a respeito das possíveis causas do afastamento de nossos jovens das atividades que lhes pedem reflexão crítica e criativa, citando um pequeno texto de um livro dedicado à orientação de jovens católicos da Pastoral da Juventude. Trata-se do desabafo de um professor de história, publicado na revista *Pais e Filhos*, edição de novembro de 1976:

Meus adolescentes estão mergulhados numa infância prolongada – são crianças velhas. Crianças de olhos fechados para o novo, incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade própria da infância. Meus adolescentes só fazem abrir a boca para ingerir o que já vem pronto; o novo encaixotado. Estão programados para ingerir o que já vem pronto... Estão programados para serem ótimos executantes, e não a desenvolver a capacidade de reflexão. Não pensar. É melhor não pensar... Conheci essa gente mais informada, mais curiosa, mais livre de preconceitos, dona de uma autonomia que o vestibular de múltipla escolha retirou inteiramente do aluno que se prepara hoje, para entrar na universidade... A perda da autonomia corresponde ao ganho da ilusão de exatidão, como fazer um bolo seguindo a receita que já vem pronta... Meus adolescentes não têm surpresas... São tradicionalistas, medrosos e tontos. Não creio que cresçam nunca. Vagarosamente, eles caminham para se transformarem em adultos retardados. (BORAN, 1981, p. 42-43).

Comparando-se adolescentes da geração atual com os de épocas não muito distantes, chega-se à conclusão de que nossos jovens estão alheios das lutas políticas, dos problemas do país. O que lhes importa é saber como e com quem as pessoas se relacionam amorosa ou sexualmente, de que modo cuidam de seu corpo, como conseguem permanecer bonitos e em forma, como dormem e assim por diante (FISCHER, 2001). Para Fischer, em estudo sobre a juventude da contemporaneidade, esse modo de ser está diretamente relacionado à construção de um individualismo muito específico: o culto à individualidade pública. Retomando o pensamento de Robsbaw, Fischer destaca que, no século XX, a cultura Ocidental é conhecida, entre outras características, pelo “juvenescimento da cultura”. Se, do ponto de vista da expectativa de vida, somos mais velhos, do cultural, somos ou devemos ser, sempre e eternamente, jovens. E mais: se, em outros tempos, a adolescência e a juventude representavam um período preparatório para a vida adulta, hoje, passa a caracterizar-se como estágio final do pleno desenvolvimento dos indivíduos. A adolescência passa a ser, culturalmente, um ponto de chegada e de permanência.

Os mais velhos já não são o lugar da sabedoria, pessoas em que se busca encontrar um conselho, a voz da experiência. Dada a rapidez das mudanças tecnológicas, a sabedoria, paradoxalmente, pertence aos mais jovens: são eles que podem ensinar como nos comunicar, como digitar um texto no computador, como acessar um endereço na internet, como gravar um *compact disc* (CD). Cada vez mais, os adultos ficam para trás e acreditam que, afinal, é assim mesmo, embora a angústia e a turbulência dos conflitos diários convidem a imaginar que tudo ou alguma coisa, pelo menos, poderia ser diferente.

Associadas ao ideal de juventude eterna, estão a compreensão e a reiteração de uma nova regra básica de vida: a de que nada nem ninguém teria história, ou seja, a negação da vida como processo, a afirmação de que o presente é algo espontâneo e independente de uma história.

De acordo com Trípoli (1998), o tempo atual, pós-moderno, é determinado pelo *carpe diem*, viver pelo viver, o estar junto, sem nenhuma finalidade. É o tempo das não-finalidades, da desordenação, da negação. Talvez, para a afirmação de uma nova ordem. Segundo ela, o tempo da pós-modernidade está caracterizado pelas imagens e pela estética. As novas práticas sociais de uma juventude excluída da sociedade produtiva moderna afirmam a reinvenção do tempo pós-moderno, uma vez que criam um viver não-útil, marcado, porém, pelo “estar junto”. Trata-se de um tempo relativizado, vivenciado como um hoje que se eterniza, e se paralisa, sem ontem nem amanhã. O ontem é negado para que se possa viver sem compromissos com o hoje e sem preocupação com o amanhã. Não se trata de opor-se ao mundo, mas de vivê-lo como se apresenta. Sua transformação faria parte de uma visão de mundo ultrapassada. Nas palavras de Trípoli, “[...] é um tempo de não aventuras, mas de refúgio, de afirmação do próprio tempo e, daí, de estilização.” (TRÍPOLI, 1998, p. 28).

Talvez, por essas razões, construímos uma idéia de que, aparentemente ou de fato, o mundo entrou num processo caótico, desgovernado em que não se é mais possível explicar satisfatoriamente o embaralhamento das coisas (MARCONDES FILHO, 1994).

Arbex e Tognoli (2000) apresentam como uma das características mais marcantes de nossa época exatamente o relativismo de todos os conceitos e noções políticas, culturais, éticas e

estéticas. Afirmam também que a célebre frase de Albert Einstein “tudo é relativo” adquiriu o significado de que todas as certezas passam a ser questionadas no mesmo instante em que são enunciadas. Tudo parece ligeiro, frágil, provisório e precário.

Marcondes Filho sintetiza esse estado de crise de valores, de conceitos, de princípios, de ideologias, dizendo que a crise de que tanto se fala hoje é, principalmente, de orientação, de estar em um mundo no qual desapareceram repentinamente todos os mecanismos que norteavam as ações das pessoas. A marca da época atual, para os jovens, é essa perda de modelos orientadores, a ausência de padrões gerais de conduta e pensamento. Ao mesmo tempo, vivemos em um mundo marcado pela oferta extraordinária de informações e pelo crescimento, cada vez mais ampliado, da influência das mídias eletrônicas, a ponto de se poder designar a civilização contemporânea sociedade da informação. Esse contexto poderia servir como um grande alimento para reflexões ricas e substantivas. Entretanto, as mensagens veiculadas não são trabalhadas com discernimento: talvez, pela falta de desenvolvimento, nos cidadãos e nos jovens, em especial, de um espírito capaz de questionar informações, valores, princípios e ideologias que lhes são oferecidos. Aí está um desafio para a educação e, em especial, para o ensino da filosofia.

2 A importância ou a necessidade do pensar bem

Alarcão (2003) afirma que o mundo contemporâneo, marcado por tanta riqueza de informação, precisa urgentemente do poder clarificador do pensamento. O conhecimento, resultante do pensamento clarificado, seria,

nessa perspectiva, aquele capaz de situar qualquer informação em seu contexto. A compreensão torna-se fundamental, pois se relaciona à capacidade de perceber objetos, pessoas e acontecimentos relacionados entre si e com as totalidades a que pertencem.

Dadas as características de nosso tempo, como o presenteísmo que nega o passado e não oferece perspectivas em relação à continuidade da vida e da história, e os apelos ao pragmatismo e à valorização do imediato, ensinar e refletir parecem ser coisas desacreditadas ou, pelo menos, de importância menor (RIOS, 2002).

Assim, uma questão se impõe: quem ou o que poderia nos ajudar nessa tarefa de reflexão crítica e autocrítica e no seu ensino, em busca da tão sonhada autonomia do sujeito? Questão nada simples e que não se responde dogmaticamente e nem com reducionismos fáceis. Parece, contudo, que a disciplina do currículo escolar que mais contribuiria para a formação de um cidadão crítico, participativo, apto a escolher, avaliar e analisar informações é a filosofia, que se caracteriza por realizar um processo investigativo reflexivo, crítico, rigoroso, profundo ou radical e que busca totalidades referenciais significativas sobre ou com base em questões que norteiam nossa existência. Epicuro já indicava as possibilidades da filosofia:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse

modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho. (EPICURO, 2002, p. 21).

Apesar do dizer do filósofo, a sociedade moderna, com exceção de alguns redutos específicos, marginalizou a filosofia e o filosofar. As situações do cotidiano, da vida, os problemas, a educação, a economia, a política não têm recorrido à filosofia para seu diagnóstico. O que se percebe são atitudes constantes pela sua desqualificação. Isso porque a sociedade pragmática, consumista e tecnocrata criou a escola tecnicista e autoritária que banuiu a filosofia dos currículos. O que se almeja é produzir uma massa passiva, homens sem consciência, mão-de-obra dócil à implantação e solidificação de um modo de produção mais preocupado com o capital do que com o próprio ser humano (NUNES, 2002).

Vivenciamos um momento desfavorável ao estudo da filosofia, porém é, justamente, em situações como essas, que necessitamos pensar e refletir filosoficamente. Segundo Nunes, refletir é um re-pensar, um pensamento consciente de si mesmo, capaz de avaliar, verificar, analisar. Refletir é o ato de retomar, de reconsiderar dados disponíveis, revisar, vasculhar, numa busca constante de significado. É examinar devidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. A filosofia, ainda conforme Nunes (2002), consiste num conjunto de conhecimentos que tem por função primeira re-pensar, discutir e analisar a arte, a política, a religião, as ciências. Ela deve compreender, no conceito, seu tempo e a sociedade em que se vive. Para tanto, deve pressupor uma postura crítica em relação à sociedade, uma insatisfação com o imediato, o óbvio. A filosofia constitui um movimento que se recusa a aceitar a realidade imediata para transformá-la

numa realidade pensada. Nesse contexto, cabe, portanto, a ela a tarefa de denunciar os entraves ideológicos, políticos e culturais que desmotivam as pessoas em relação aos movimentos de justiça, liberdade e sociabilidade humana. Vê-se sua necessidade e, ao mesmo tempo, as dificuldades que pode enfrentar no mundo de hoje, tal como apresentado anteriormente. Ela incita o pensar.

Lorieri (2002) afirma que se pode compreender a filosofia como um conjunto de procedimentos da consciência humana que, ordenados de certa forma, procuram produzir respostas bem pensadas para questões fundamentais com as quais os seres humanos se deparam em suas vidas. Existem questões que exigem mais do que meras constatações, descrições, explicações ou causas próximas. Requerem posicionamentos amplos, significativos, que nos ofereçam sentidos, rumos ou direções de vida. Podemos denominá-los referências, princípios, significações. Daí a busca necessária e desafiadora dos mesmos. A esse movimento, desafiador e instigante, chamamos de investigação filosófica. As respostas significativas, juntamente a outros fatores, orientam a forma de ser das pessoas. E são necessárias. Por isso, a necessidade da filosofia e dos filósofos - a necessidade do filosofar.

A respeito da importância e da necessidade da filosofia, Terezinha Azeredo, citando Sauet, ressalta:

Fala-se, nos últimos tempos, de ética e de moral, deplora-se a corrupção dos políticos e homens de negócio, assusta-se com a extensão da exclusão, do tráfico de drogas, da selvageria das guerras interétnicas, do fanatismo religioso, invoca-se a solidariedade, o dever de ingerência, inquieta-se com

os trabalhos de laboratório no domínio das armas químicas e genéticas [...] Sobretudo tenta-se não perder a cabeça, manter o sangue frio. E, para conseguir isto, o que se faz? Recorre-se a astrofísica, à microbiologia? À antropologia, à sociologia, à psicologia? À economia política? Ou não será melhor recorrer à filosofia? Quando se busca verificar o que não vai bem na cidade, o que arruína a democracia, o que compromete a justiça, a liberdade, a igualdade, em resumo, as relações entre cidadãos, o que leva os homens a se odiar e se matar uns aos outros, quando se alarga o exame ao conjunto das nações até encarar o destino da humanidade inteira, o que se faz? Em verdade, já se teve tantas razões para filosofar? (RIOS, 2002, p. 37-38).

Temos razões de sobra para filosofar: as crises são muitas. Talvez, a mais séria delas seja a própria recusa do filosofar. A recusa do pensar detidamente, cuidadosamente e reflexivamente. Há que provocar nas pessoas, principalmente nos jovens, as surpresas; o espanto por tudo o que aí está. Há que os fazer pensar reflexivamente, pensar bem. Esse é um chamado muito forte em nossos dias por parte de pensadores e educadores que se sentem responsáveis pelo mundo e pela vida.

Pensar bem contribuirá, certamente, para a formação de cidadãos críticos, participativos que saibam escolher, avaliar e analisar informações e modos de ser. O movimento causado pela reflexão seria capaz de interromper o atual quadro de passividade instalado em grande parte das pessoas.

3 Considerações finais

Cabe aos educadores tentar compreender as questões do nosso tempo e refletir ou imaginar, juntamente com os jovens, a possibilidade de pensar o que é, ou o que poderia ser esse tempo da/na pós-modernidade. Como diz Paulo Freire:

O que importa ao ajudar o Homem é ajudá-lo a ajudar-se. É pô-lo numa postura consciente. É fazer com que a educação seja corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, seu tempo, suas responsabilidades, seu papel no novo clima cultural da época de transição. (1975, p. 58).

Eis aí, mais explicitamente, a nossa nova (ou velha) tarefa como professores e alunos: a de realizarmos juntos, dialogica e dialeticamente, a travessia para um novo tempo, do qual já assistimos o seu prenúncio, mas que, talvez, sejamos tentados a preferir, de modo conservador e passivo, que nada tivesse mudado. Entretanto, reafirmando o que já dissemos anteriormente, somos desafiados a buscar na imaginação, na coragem de ousar, de pensar diferente o que hoje se pensa. O momento é de duvidar, colocando em suspeição as informações para podermos analisá-las criticamente. Trata-se de compreender que é esse o mundo em que as novas gerações estão se formando, crescendo e construindo suas identidades. É, nesse mundo, que a educação deve ser pensada e repensada. E, quem sabe, sejamos surpreendidos, não pela falta de reflexão de nossos alunos, mas sim por sua postura ativa diante do mundo, desfazendo o velho preconceito que se abate sobre eles, de meros executantes e seres não-pensantes. Isso

sim será a grande e grata surpresa: de que eles se surpreendem, se espantam e se dão ao trabalho do bem pensar.

Referências

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.

The Philosophy subject in school education

In this article, we propose to do a reflection that we consider relevant, of an idea diffused among the teachers of elementary and high school – which young people who frequent our classrooms do not be interested in activities that ask them to elaborate and to express a kind of thought considered critic, that is, reflexive, systemic, rigorous and totalizing. In the course of our reflection, we assumed the aim of an education for thinking, but a well-thinking that certainly would contribute to the formation of a more conscious, critic and participative citizen, therefore an autonomous subject or person. We also defend the philosophy as discipline to be privileged in the educational curriculum to attend to this purpose.

Key words: Philosophy and philosophizing. Postmodernity. Thinking and reflecting. Youth.

ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio. *Mundo pós-moderno*. 3. imp. São Paulo: Scipione, 2000.

BORAN, Jorge. *O senso crítico e o método ver-julgar-agir*. 4. ed. São Paulo: Loyola. 1981.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (A Meneceu). 3. reimp. São Paulo: Editora da Unesp. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de sentidos: a adolescência em discurso. In: HERON DA SILVA, Luis (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LORIERI, Marco Antonio. *Filosofia: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, 1994.

NUNES, Renato. A filosofia e o filosofar. In: PIOSEVAN, Américo (Org.). *Filosofia e ensino em debate*. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2002.

RIOS, Terezinha. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIPOLI, Suzana Guimarães. *A arte do adolescente: a travessia entre a criança e o adulto*. São Paulo: Estudos Acadêmicos, 1998.

